

# Pais de 64% dos universitários têm ensino superior

*Pelo menos 22,7% dos universitários têm pai ou mãe com pós-graduação*

É relativamente alta a escolaridade dos pais dos estudantes universitários brasileiros, em relação ao total da população. Dois terços do total de jovens (64,6%) consultados em pesquisa do **Ipea** têm pelo menos um dos pais que chegaram ao ensino superior – 12,3% dos pais de universitários têm pós-graduação e, entre as mães, o percentual é de 15,4%. Os dados estão no relatório de pesquisa *Estudo comparado sobre a juventude brasileira e chinesa – Dados preliminares do Brasil*, apresentado nesta terça-feira, 6, por Eduardo Luiz Zen, técnico de Planejamento e Pesquisa da Disoc/**Ipea**, e por Ana Maria Nogales, professora do Departamento de Estatística da UnB e doutora em Demografia.

A apresentação do estudo abriu o seminário de mesmo nome, que contou com a participação do presidente do **Ipea**, Marcelo Neri. Ele ressaltou que, nos últimos anos, os BRICS têm se tornado um grupo cada vez mais relevante no mundo, e a relação entre eles é mais interessante e importante por causa das diferenças entre um e outro. “No caso do Brasil e da China, a relação desses países nos força a olhar essas diferenças, o que nos permite aprender muito mais.”

A China tem a maior população do mundo, e o Brasil tem, assim como os chineses, grandes território e população. “Isso nos aproxima muito, mas também evidencia diferenças”, disse Neri. “Nosso futuro e o de qualquer país está na juventude. E estudos de demografia com foco nessa faixa da população são caros ao **Ipea**. O tema é muito atual, com várias agendas de pesquisa, não só na Disoc, mas com interface em outras diretorias do Instituto.”

Segundo o presidente, o tema ficou muito tempo atrelado a problemas como violência, drogas, acidentes de trânsito, gravidez precoce, entre outros. Questões ligadas a essa parcela da população são mais difíceis de entender. “Os pais entendem pouco e o Estado menos ainda. Mas nesses últimos anos, temos olhado mais para os jovens. Isso é essencial”, concluiu.

## **Tempo de estudo**

A maior parte dos estudantes, 71,5%, declara que dedica até 10 horas semanais aos estudos fora da sala de aula. Neste grupo, a parcela de quem investe menos de cinco horas por semana para esse fim é alta: 37,1%. Apenas 7,2% utilizam 16 horas ou mais na semana para estudar fora de sala.

A maioria dos estudantes também trabalha: 52% têm atividade remunerada, ao passo que 13,3% estão desempregados. Os que não trabalham representam 27,1% da amostra, e 6,3% exercem trabalhos sem remuneração.

Quanto à escolha do curso, 82,8% dos estudantes afirmam que não trocariam de curso se pudessem, mas 16,7% fariam a troca, enquanto 24,1% apresentam trajetória não linear entre a saída do ensino fundamental e o ingresso na universidade, devido à dificuldade na seleção de vestibulares muito concorridos ou de desistência de outros cursos superiores.

## **Visões sobre a China**

A pesquisa apresentou dados sobre a percepção dos jovens brasileiros em relação ao crescente protagonismo da China no cenário internacional. Quanto à preservação do meio ambiente, a visão geral tem maior conjunto de respostas com tendências negativas.

Quando o assunto é a manutenção da paz entre os povos, as opiniões são muito equilibradas na

maior parte das respostas: apenas 36,2% acreditam que a contribuição é pequena, enquanto 29,3% avaliam como média e 32,9% como alta. No quesito integração e cooperação entre os povos, há predomínio de respostas positivas.

A priori, não há uma visão negativa do Brasil em relação à China. Entretanto, a opinião dos jovens sobre aquele país varia conforme o tema. Quando questionado sobre qual país se beneficiaria mais em relações econômicas, 51,8% dos estudantes acreditam que a relação beneficia ambos.

### **Metodologia**

O estudo é resultado de uma parceria do **Ipea** com a Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS), o China Youth and Children Research Center – CYCRC (Centro de Pesquisa em Infância e Juventude da China) e a China Youth and Children Research Association – CYCRA (Associação de Pesquisa em Infância e Juventude da China).

Segundo Zen, para a pesquisa foram considerados jovens universitários de até 24 anos de idade. “No Brasil, embora tenhamos muitos jovens de até 29 anos cursando ensino superior, na China a concentração na faixa que vai até os 24 anos é muito maior”, justificou. Optou-se por fazer o estudo nos centros administrativos dos dois países (cidades de Brasília e Pequim) e nos polos econômicos (cidades de São Paulo e Xangai).

Zen adiantou que em dezembro, nos dias 18 e 19, haverá a troca dos bancos de dados entre os dois países, em Pequim, para a análise comparativa a ser divulgada em 2013.

No Brasil, as universidades participantes foram: Universidade de Brasília (UnB), Universidade Católica de Brasília (UCB), Instituto de Educação Superior de Brasília (IESB), Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Centro Universitário Fundação Santo André (CUFSA), e Faculdades Integradas Rio Branco.

Ana Maria frisou que a ideia era ter certa representatividade dos jovens que cursam ensino superior nos dois países. “Foram escolhidos centros importantes que pudessem representar essa juventude e que representam seus países e o futuro deles”, disse. Foram 2.400 jovens brasileiros envolvidos na pesquisa, selecionados de maneira aleatória.

### **Seminário**

Após a abertura foi realizada a mesa redonda *Juventude e Educação Superior: um panorama sobre o Brasil e a China*. O primeiro tema, *Considerações gerais sobre as relações Brasil-China: jovens universitários*, contou com a exposição de Tom Dwyer, professor titular do Departamento de Sociologia e membro do grupo de pesquisa Brasil-China do Centro de Estudos Avançados da Unicamp, e ex-presidente da Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS).

Logo após, o tema abordado foi *Juventude e Educação Superior no Brasil*, apresentado por Marília Pontes Spósito, professora titular em Sociologia da Educação e vice-diretora da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP). Os debatedores da mesa foram Alexandre de Freitas Barbosa, professor de História Econômica do Instituto de Estudos Brasileiros da USP, e Paulo Roberto Corbucci, técnico de Planejamento e Pesquisa da Disoc/Ipea.

[Acesse a íntegra do Relatório de Pesquisa - Estudo Comparado sobre a Juventude Brasileira e Chinesa \(Dados preliminares do Brasil\)](#)

[Vídeo: assista à cerimônia de abertura do seminário e a apresentação dos dados](#)

[Vídeo: assista ao programa Panorama Ipea, sobre o tema do estudo](#)

[Veja os gráficos do Relatório de Pesquisa - Estudo comparado sobre a juventude brasileira e chinesa \(Dados preliminares do Brasil\)](#)

[http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=15971&catid=10&Itemid=9](http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=15971&catid=10&Itemid=9)